



A ILHA

A ilha de Páscoa proporciona uma experiência que eleva o turista à categoria de viajante POR DÉCIO GALINA, DE HANGA ROA

São 15 figuras que intimidam. Melhor nem falar alto perto deles. Há certa etiqueta no ar, um respeito que se impõe sem ninguém pedir. Quem chega ali, aos pés dos brutamontes — de 4 a 10 metros de altura e até 80 toneladas —, prefere mesmo ficar quieto, de preferência sozinho, como se, de fato, não houvesse muito o que dizer. Na plataforma (ou ahu) de 200 metros, de costas para o mar, cada moai tem personalidade distinta. Em comum, o time perfila-do está sério, compenetrado — como se um hino estivesse prestes a ser executado. No fim de tarde, a luz bate de frente em Tongariki, conjunto de moais mais numeroso da ilha — e olha que são cerca de 900 espalhados nos 166 quilômetros quadrados (para se ter uma ideia, metade do tamanho de Ilhabela). Ao nascer do dia, a contra-

luz dá uma dimensão mais misteriosa para essas obras esculpidas em nome dos antepassados, nos idos de 1400, quando a Ilha de Páscoa ainda era Rapa Nui — minúscula ilha triangular de ocupação polinésia, desde 1888 sob domínio do Chile e que assim foi batizada pelo holandês Jacob Roggeveen ao desembarcar por lá em 1722, justo num domingo de Páscoa.

Estar diante dessas figuras gigantes e seculares de Ahu Tongariki (ou de Ahu Akivi — os únicos sete moais voltados para o mar, na direção da Polinésia) causa uma emoção comparável ao que se sente em lugares como Bagan, em Mianmar; Angkor, no Camboja; ou Abu Simbel, no Egito. A diferença é que, na Ilha de Páscoa, experimenta-se um distanciamento do resto do mundo que não pode ser comparado a nada: trata-se do lugar habitado mais iso-

lado no planeta — a ilha mais próxima, Pitcairn (50 habitantes!), está a 2.250 quilômetros; o Chile está a 3.878 quilômetros, ou cinco horas de voo na companhia do Pacífico.

Os cerca de 5.700 habitantes vivem no único vilarejo: Hanga Roa. A melhor hospedagem da ilha, porém, fica a 8 quilômetros dali, totalmente afastada, com uma infraestrutura construída exclusivamente para ela, a Posada de Mike Rapu, também conhecida como o Explora da Ilha de Páscoa. O fato de existir um dos hotéis da exclusiva rede de Pedro Ibañez nesse fim de mundo o eleva ao patamar dos outros dois fins de mundo — o deserto de Atacama e Torres del Paine — onde a experiência vivida ali separa os turistas dos viajantes. Como acontece nos três endereços, a arquitetura do hotel inaugurado em dezembro de 2007 se molda à paisagem quase a ponto de sumir.



DUAS FOTOS DO VULCÃO RANO KAU: UMA IMAGEM AÉREA E A CRATERA COM O LAGO

62

FOTOS DIVULGAÇÃO, ARQUIVO PESSOAL



ciduiu praticar o mesmo esporte do duelo entre o francês Jacques Mayol e o italiano Enzo Molinari: acabou virando recordista sul-americano de mergulho livre em 2000, após submergir 71 metros em 3 minutos e 48 segundos. Atualmente, além do hotel, o empresário tem uma escola de mergulho, uma sorveteria, uma loja de roupas, uma de peixe e é dono da cervejaria Mahine (Lua), que traz um moai em seus rótulos. Para acertar o negócio com o Explora foram quatro anos de conversa. Hoje, dos 96 funcionários do hotel, 70% são nativos.

HOMENS PÁSSAROS

Mike explica que os 30 quartos do Explora são ocupados por viajantes que têm no passaporte dezenas de carimbos. “Ilha de Páscoa não é primeira viagem de ninguém”, conta. De fato, a ilha serve muito mais de escala para quem está indo para a Polinésia Francesa, via Pacífico, do que como destino final. O turista abre os olhos para os moais só depois de visitar recantos mais tradicionais e de fácil acesso. “Não podemos fazer propaganda de nossas praias — afinal, só temos duas para banho — nem colocar as estátuas de pedra como motivo para atravessar meio mundo”, justifica Mike (OK, Mike, tudo bem que são apenas duas praias, mas uma delas, Anakena, tem sete moais, quatro deles com chapéu!, e isso não se vê em canto algum da Terra...). “O principal daqui — e isso talvez explique por que os viajantes sempre acabam voltando — é a energia da Ilha de Páscoa; é a chance de se relacionar com a tranquilidade de um lugar tão afastado; é caminhar com segurança entre monumentos e paisagens tão especiais.”

Rano Kau é mesmo impressionante: no fundo da cratera de 300

metros de altura e 1.500 de diâmetro, há um lago coberto por plantas aquáticas e, o mais incrível, parte de seu paredão ruiu justamente próximo ao litoral, deixando a vista aberta para o mar. Bem perto da boca do vulcão estão as bem preservadas ruínas de Orongo, um vilarejo que só funcionava durante a competição entre os representantes das tribos para a escolha do Homem Pássaro (o ritual durou até 1866) — os atletas desciam correndo a encosta da ilha, nadavam 3 quilômetros até a ilha Motu Nui, achavam o primeiro ovo deixado por uma ave migratória específica e o traziam para Orongo em um suporte amarrado na cabeça. Moleza. “O vencedor virava um homem sagrado na sociedade”, explica Mike.

Por sorte, não é preciso mais tanto esforço para viver dias de rei na Ilha de Páscoa. Basta acompanhar a palestra que acontece antes do jantar no Explora para decidir o que fazer no dia seguinte.

Independente de sua preferência por passeio de barco, trekking, mergulho ou bike, não perca a chance de investir horas e horas entre os moais espalhados pelas encostas do vulcão Rano Raraku — lugar que funcionou como a fábrica das estátuas. O maior moai da ilha (22 metros) está ali, ainda preso na rocha. Entre cabeças inclinadas e algumas parcialmente enterradas, o pensamento viaja nos motivos do colapso das tribos que viviam em torno dos moais. Do alto da cratera de Rano Raraku, se veem ao longe, como se colocados na paisagem pelo Photoshop, eles, de novo, os enigmáticos de Ahu Tongariki. Quinze figuras gigantes de pedra, à beira-mar, na ilha mais remota do planeta. Como se nada tivesse acontecido há milênios. ■

VAI LÁ

Explora: www.explora.com
Lan Linhas Aéreas: www.lan.com



NO ALTO, OS 15 MOAIS DE AHU TONGARIKI. À ESQUERDA, ESTÁTUAS DE RANO RARAKU E UMA PLACA DE ADVERTÊNCIA. AO LADO E ABAIXO, A MELHOR HOSPEDAGEM DA ILHA: EXPLORA